

DEIXA EU TE CONTAR: HISTÓRIAS DE SALA DE AULA A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DA FURG

Samara Rodrigues Pino ¹
Letícia Lucas Pereira Guilhamilho Ávila ²
Ana Luísa Feijó Cosme ³
Daniele Simões Borges ⁴

INTRODUÇÃO

O presente relato visa apresentar as experiências vividas no Programa de Residência Pedagógica (PRP) no Subprojeto da transição escolar do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

O subprojeto conta com um grupo que é organizado de forma a contemplar a participação de residentes e preceptores que atuam em três escolas da rede pública do município de Rio Grande/RS, sendo duas escolas de Ensino Fundamental e uma da Educação Infantil, em turmas de 1º ano e de nível II, possuindo 3 grupos de residentes, cada um com seu professor preceptor. Dessa forma, o subprograma de Pedagogia conta com três professores preceptores, dezessete bolsistas, sendo duas voluntárias, e uma coordenadora.

Minha inserção no Residência Pedagógica ocorreu em busca de uma bolsa remunerada que estava sendo ofertada. Porém, mesmo não conseguindo, decidi permanecer como voluntária por ter gostado da proposta do programa e da experiência e vivência que o mesmo poderia me proporcionar. Escolhi participar de um dos grupos do Ensino Fundamental para que fosse possível aprender na prática o processo de alfabetização.

A partir do meu ingresso no PRP como voluntária, a escolha do meu contexto de atuação no residência se deu pelo fato de querer aprender mais sobre o processo de alfabetização das crianças, já que esse tema tem sido, desde do início de minha formação na Pedagogia, um medo pessoal, antecedente a minha participação no Residência Pedagógica.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, samarapino@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande- FURG, leticiapereiraga@gmail.com

³ Professora preceptora do Programa de Residência Pedagógica na EMEF em Tempo Integral Prof. Valdir Castro, anafeijocosme@gmail.com

⁴ Professora orientadora do subprojeto transição escolar do Programa de Residência Pedagógica da Universidade Federal do Rio Grande -FURG, daniele.uab@gmail.com

No decorrer das minhas experiências no curso de graduação, realizei uma inserção (vivência numa escola) em uma turma de anos iniciais para a disciplina de Atividade de Docência I. Essa atividade me possibilitou perder o medo que sentia referente a fase da alfabetização. Todavia, as inseguranças permaneceram, juntamente com o interesse de aprender mais. Portanto, quando surgiu a oportunidade, me inscrevi para o Programa em busca de aprender mais sobre esse contexto.

Nesse sentido, o presente relato é ambientalizado na escola EMEF em Tempo Integral Profº Valdir Castro, na qual sou residente em uma turma de primeiro ano. A escola fica localizada na Zona Oeste do município, no bairro Santa Rosa, também atendendo crianças dos bairros Castelo Branco, Cidade de Águeda, Cohab IV e Maria dos Anjos, nos quais muitos moradores possuem dificuldades financeiras e muitas das crianças presentes na escola fazem parte dessa realidade de vulnerabilidade. Estar nesse espaço tem sido uma troca constante entre as residentes, a professora preceptora e as crianças. Como o Subprograma da Pedagogia tem como Subprojeto a transição escolar, as práticas elaboradas visam o respeito as diferentes infâncias, lembrando que aquela criança que está deixando a Educação Infantil e entrando nos Anos Iniciais continua sendo uma criança que tem o direito de ser a protagonista de suas aprendizagens, para que, assim, ela possa ser significativa. Desse modo, este relato de experiência tem como objetivo compartilhar duas situações de sala de aula que foram significativas na minha residência no contexto da turma do 1º ano.

HISTÓRIA DE SALA DE AULA 1:

“A escrita da criança não resulta de simples cópia de um modelo externo, mas é um processo de construção pessoal” (Emilia Ferreiro)

No decorrer do curso de Pedagogia sempre estive inserida no espaço da Educação Infantil, obter conhecimentos brincando são práticas comuns dessa etapa e que são, muitas vezes, esquecidas na etapa seguinte. Porém, o vivenciado na EMEF em Tempo Integral Profº Valdir Castro tem sido o contrário, a professora preceptora se tornou uma inspiração como docente na minha formação, suas práticas tem me mostrado a potencialidade que existe no alfabetizar brincando.

A situação relatada adiante, ocorreu no primeiro mês como residente, neste dia, as crianças estavam fazendo uma avaliação, a professora realizou essa sondagem como forma de entender os níveis de alfabetização que a turma se encontrava. Ação na qual passei a entender como essencial, pois, segundo Soares (2020), o professor precisa entender em que nível de

compreensão de escrita seus alunos estão, pois é o fio orientador das suas futuras ações pedagógicas.

Durante esse momento, auxiliei os alunos na realização da avaliação e foi possível ter o primeiro contato com os conhecimentos, dúvidas e hipóteses que aquelas crianças tinham até então da leitura e escrita. Pude visualizar na prática muitos conhecimentos de escritas acadêmicas lidas durante o curso de licenciatura.

Essa experiência na escola, a partir do que foi vivido, me auxiliou no meu processo de formação como professora, principalmente no que se refere à alfabetização, a conexão entre uma situação descrita em um texto e depois na prática poder observar essa situação ocorrer, tem sido essencial nesse último semestre da graduação, trazendo seguranças para o caminho que estou trilhando.

HISTÓRIA DE SALA DE AULA 2:

*“Prof, a amarelinha vai ser só deles?
Não, todo mundo da escola vai poder brincar
nela “(Diálogo da Residente com uma das
crianças do 2º ano da escola)*

Esse diálogo inicial foi escolhido, pois ele ocorreu durante a confecção da amarelinha, na qual um aluno do segundo ano, me indaga o que estávamos fazendo, e eu respondo que estávamos pintando uma amarelinha da turma do 1º ano, na qual ele me pergunta de volta, se só a turma do 1º ano poderia brincar nela, e em seguida lhe respondo que a amarelinha seria para todas as crianças da escola aproveitarem.

A segunda situação faz parte do projeto que já estava em andamento quando me inseri ao grupo, que é a criação de espaços brincantes dentro e fora da sala de aula da turma, pois, como trata-se de uma escola que a pouco recebeu o prédio onde se encontra atualmente, as crianças ainda não possuíam uma pracinha, desse modo esses espaços que foram confeccionados pela professora preceptora, juntamente com as residentes, tem como objetivo priorizar o movimento, que muitas vezes nos Anos Iniciais é inviabilizado, mas que também possa viabilizar o aprender brincando, pois, como diz Ferreiro (2001), precisamos mudar a imagem tradicional de criança que aprende, que as reduz a somente a um par de olhos, ouvidos, uma mão para escrever e uma boca para repetir as palavras.

Portanto os espaços brincantes seriam: um espaço de cozinha, um mercadinho e uma amarelinha. Eu e minha dupla ficamos encarregadas do espaço brincante da amarelinha e do jogo da velha, ideia que surgiu após a escrita do projeto de transição que propôs os espaços

brincantes. Depois de o local ter sido escolhido e os materiais separados, junto a professora preceptora, começamos a pintura do espaço.

Durante o processo de confecção, diversas crianças interagiram conosco, tanto os da turma do 1º ano quanto os de outras turmas. Nessas interações, era possível perceber o interesse e curiosidade que as crianças possuíam do que estávamos fazendo, realizando perguntas e conversando sobre o espaço brincante. Após a amarelinha e o jogo da velha estarem finalizados, aquele local se tornou brincante para todas as crianças da escola, independente da idade ou turma, tornando-se realidade o planejamento dos espaços brincantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo meu relato exaltando a importância do Programa para as licenciaturas, e como poder viver o chão da escola nesse último ano do curso é uma oportunidade única na qual o Programa Residência Pedagógica me propiciou. Tudo que tem sido vivido na EMEF Valdir Castro tem sido acrescentado as minhas práticas, e não se trata somente dos conteúdos da Alfabetização, mas também as interações com os alunos, que cada vez mais tem me mostrado o quão potentes as crianças são quando elas fazem parte da construção do planejamento.

Infelizmente essa oportunidade é uma chance limitada para os estudantes das licenciaturas, por conta dos número de vagas, mas gostaria que todos os estudantes, futuros docentes, tivessem o privilégio dessas vivências rodeadas de práticas pedagógicas que priorizam a criança como protagonista do seu processo de aprendizado, pois esses momentos têm sido extremamente significativo para a minha formação docente.

Palavras-chave: Educação; Residência pedagógica; Transição escolar; Alfabetização;; Vivências.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre Alfabetização*. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
SOARES, Magda. *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p